

Editorial

Abrimos este número 12 da Revista Alceu com um conjunto de cinco artigos que têm o cinema como objeto de reflexão. O primeiro texto, assinado por Ismail Xavier, faz uma apresentação da poética de Júlio Bressane – autor fundamental do cinema brasileiro – que tem a antropofagia como princípio de criação e um percurso artístico sublinhado pela experimentação e a reflexividade. Em seguida, o artigo de Renato Cordeiro Gomes toma o filme *Contra todos*, de Roberto Moreira, assim como sua recepção pela imprensa escrita e a internet, como pontos de reflexão para desenvolver análise comunicacional sobre a naturalização da violência identificada à crueldade. O terceiro texto, assinado por Rosana de Lima Soares, comenta o filme *História real*, de David Lynch, para apontar as formas pelas quais os estigmas sociais, associados a grupos e indivíduos, se transformam em imagens também estigmatizadas. Ana Amado, por meio da análise do filme *La ciénaga*, de Lucrecia Martel, considerado um legítimo representante temático do cinema argentino atual, desenvolve um texto onde procura estabelecer uma relação entre os corpos e o tempo. Para completar esse primeiro conjunto de artigos, publicamos o trabalho de Miguel Freire que, ao focar o roteiro original escrito por Lúcio Cardoso e o filme *Porto das Caixas*, dirigido por Paulo Cesar Saraceni e fotografado por Mário Carneiro, aborda diversos aspectos das narrativas cinematográfica e literária.

A relação entre textos e imagens também está presente nos dois próximos trabalhos publicados. O artigo assinado por Alberto Cipiniuk, que se propõe a refletir sobre a extensão dos limites semânticos do conceito de arte, também nos alerta para o pseudoproblema que se cria quando se dá o confronto entre duas convenções culturais, particularmente quando se trata de estabelecer a autoridade entre o trabalho do artista e a forma como ele é entendido ou explicado por críticos de arte. O texto de Júlia Almeida, por seu lado, ao tomar a obra do artista plástico Gonçalo Ivo como exemplo a ser explorado, faz uma relação intersemiótica entre os títulos dados aos quadros pelos seus pintores com os próprios quadros e outros elementos pictóricos, criando assim uma reflexão sobre o contraste que envolve texto e imagem.

As fotografias que circulam na internet e as idéias sobre uma religiosidade cibernética são os temas dos dois artigos seguintes. Enquanto o texto de Alfredo Grieco examina as imagens fotográficas apresentadas na rede mundial, em busca de informações que revelem alguma mudança nas linguagens visuais da fotografia, o trabalho de Erick Felinto oferece uma análise inicial de uma das metáforas mais correntes do discurso contemporâneo sobre a cibercultura: a imagem do anjo do ciberespaço.

Aspectos da cultura do Sul se revelam nos textos de Rejane de Oliveira e Ada Cristina Machado da Silveira. O primeiro se inspira em três episódios envolvendo Dom Diego Maradona, para estudar a construção da identidade argentina no jornal Zero Hora. O segundo investiga a produção de sentido nas representações midiáticas da identidade gaúcha, por meio da análise de um programa de TV e de tiras cômicas.

O último conjunto de textos apresenta dois trabalhos que se referem, cada um à sua maneira, a questões ligadas à comunicação e à política. Danilo Rothberg assina texto que retoma questões fundamentais, como os papéis das culturas nacionais e das instituições da sociedade, inclusive a mídia, na manutenção do capital social que o desenvolvimento de um país democrático exige. E, para fechar este número, publicamos um ensaio assinado por Eduardo Neiva, que faz uma densa reflexão sobre as idéias de vontade e contrato social na obra de Santo Agostinho.

Boa leitura e boas idéias.

Fernando Sá